

MUDANÇAS CLIMÁTICAS EM UM PANTANAL DO TURISMO

ACADÊMICA: Cristiane Benites da Silva cristiane.benites@ufms.br

Resumo:

Os conflitos no binômio mudanças climáticas e turismo, tem maior expressão na prática turística em ambiente natural, como é o caso do Pantanal, implicando, inclusive, na redução dos postos de trabalho. Nesse ambiente, o objetivo da pesquisa é “identificar os impactos das mudanças climáticas na comunidade ribeirinha do Passo da Lontra”, localizada na região do Pantanal do Abobral, município de Corumbá/MS. O processo metodológico contou com entrevistas semiestruturadas e observação direta, referenciadas teoricamente na geografia e nos estudos de turismo. Os resultados conduziram à proposição de políticas públicas, construídas em rede com instituições públicas, privadas e a comunidade ribeirinha que vive no Pantanal. Diante dos resultados, conclui-se que ações integradas são necessárias para fortalecer a atividade turística e resguardar o emprego das gentes pantaneiras, que têm no turismo uma das únicas fontes de renda, atualmente fragilizada diante da crise climática.

Palavras-chave: Mudanças Climáticas, Gente pantaneira, Turismo, Trabalho.

Abstract:

Conflicts between climate change and tourism are most prevalent in tourism practices in natural environments, such as the Pantanal, which can even lead to job losses. In this environment, the objective of the research is to “identify the impacts of climate change on the riverside community of Passo da Lontra,” located in the Pantanal do Abobral region, in the municipality of Corumbá/MS. The methodological process included semi-structured interviews and direct observation, theoretically referenced in geography and tourism studies. The results led to the proposal of public policies, developed in a network with public and private institutions and the riverside community living in the Pantanal. Given the results, it is concluded that integrated actions are

necessary to strengthen tourism activities and protect the employment of the people of the Pantanal, who have tourism as one of their only sources of income, currently weakened by the climate crisis.

Keywords: Pantanal people, work, vulnerability.

Resumen:

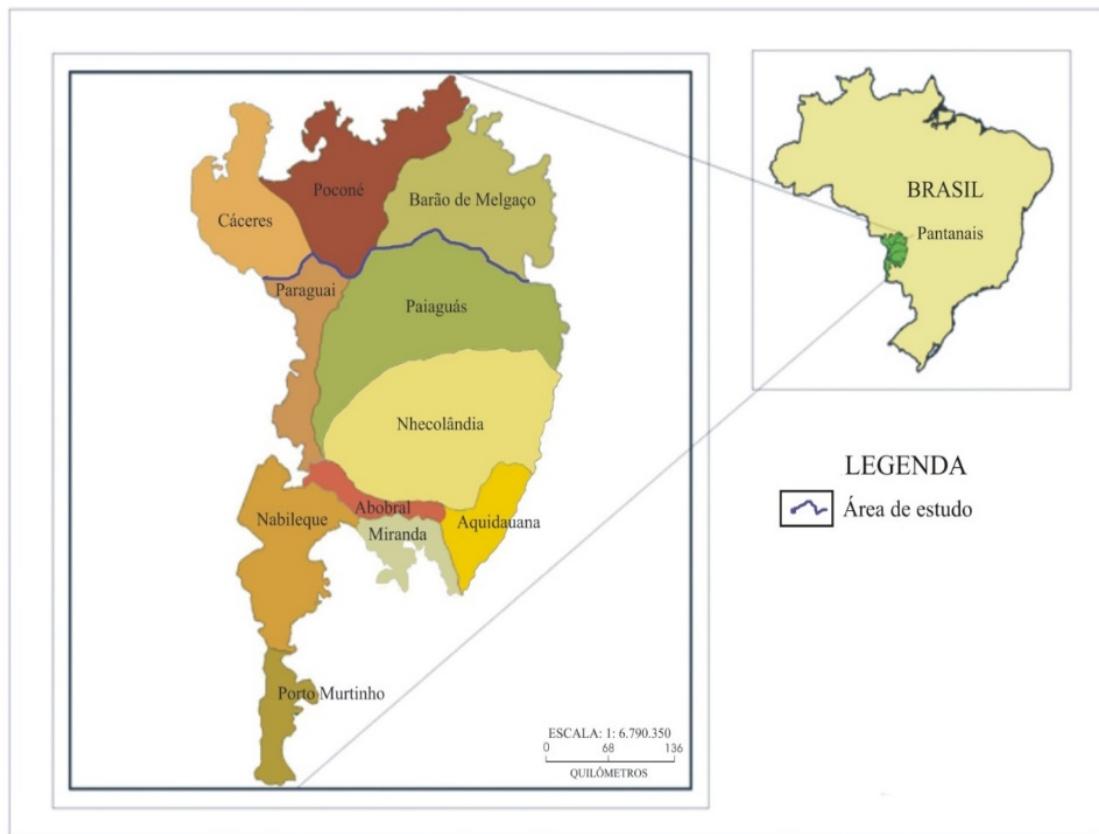
Los conflictos entre el cambio climático y el turismo son más frecuentes en las prácticas turísticas en entornos naturales, como el Pantanal, lo que puede incluso provocar la pérdida de empleos. En este entorno, el objetivo de la investigación es identificar los impactos del cambio climático en la comunidad ribereña de Passo da Lontra, ubicada en la región del Pantanal do Abobral, municipio de Corumbá/MS. El proceso metodológico incluyó entrevistas semiestructuradas y observación directa, con referencias teóricas en estudios de geografía y turismo. Los resultados dieron lugar a la propuesta de políticas públicas, desarrolladas en red con instituciones públicas y privadas y la comunidad ribereña que vive en el Pantanal. Dados los resultados, se concluye que son necesarias acciones integradas para fortalecer las actividades turísticas y proteger el empleo de los habitantes del Pantanal, que tienen el turismo como una de sus únicas fuentes de ingresos, actualmente debilitada por la crisis climática.

Palabras-clave: Gente del Pantanal, trabajo, vulnerabilidad.

Introdução

O Pantanal, reconhecido como Patrimônio Natural da Humanidade no ano 2000 e detentor do título de Reserva da Biosfera (UNESCO, 2000), ocupa uma área de 150.355 km² no território brasileiro (IBGE, 2020) entre os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, distribuído em 11 subregiões: Abobral, Aquidauana, Barão de Melgaço, Cáceres, Miranda, Nabileque, Nhecolândia, Paiaguás, Paraguai, Poconé, Porto Murtinho (Silva; Abdon, 1998), além de se estender para a Bolívia e o Paraguai configurando-se como um Pantanal Transfronteiriço conforme Figura 01.

Figura 01: Localização do Pantanal e as sub-regiões internas.



Fonte: Araújo (2009).

O bioma pantaneiro é formado por biodiversidade exuberante de fauna e flora, e se encontra diante dos desafios impostos pelas mudanças climáticas e pela interferência humana, refletidos em formato de seca prolongada, queimadas de grandes proporções, baixo volume hídrico dos rios da Bacia do Alto Paraguai - BAP que prejudica a naveabilidade e a sobrevivência das comunidades que dependem da produção local.

As questões ambientais e climáticas postas, conduziram ao objetivo do estudo que é “identificar os impactos das mudanças climáticas na comunidade ribeirinha do Passo da Lontra, localizada no Pantanal do Abobral, às margens do rio Miranda”. A localidade é constituída, sobretudo, por trabalhadores do turismo, pequenas comerciantes, pescadores, isqueiros, autônomas e prestadoras de serviços gerais que têm como principal renda econômica o turismo.

Nesse ambiente, as vozes das comunidades ribeirinhas propagadas em rodas de conversas, entrevistas ou relatos, precisam ser audíveis ao poder público e privado, por estarem vivenciando *in loco* os problemas locais e serem exímas

conhecedoras do viver pantaneiro entre cheias, vazantes, queimadas e seca. Dessa forma, será possível compreender a dinâmica econômica, as fragilidades sociais e ambientais nas quais homens, mulheres e crianças resistem em meio à crise climática que se impõe. Além disso, esse estudo é um convite à reflexão sobre a intrincada relação entre o ser humano e a natureza, a relevância do turismo para a economia local e os obstáculos à conservação do meio ambiente.

De maneira genérica a antropologia é a ciência que estuda o ser humano em sua totalidade – como ser biológico, social e cultural. Uma vez que cada uma dessas dimensões é muito abrangente, o conhecimento antropológico é geralmente estruturado em áreas que refletem um determinado aspecto a ser estudado. Como exemplo podemos citar: A Antropologia Física e biológica, que estuda os aspectos genéricos e biológicos do ser humano; a Antropologia Social que analisa a organização social, política, o parentesco e as instituições sociais; a Antropologia Cultural que investiga sistemas simbólicos, religião e comportamento e a Arqueologia que examina as condições de existência de grupos humanos extintos. Ainda na Antropologia podemos utilizar a Etnologia¹ e a Etnografia² para diferenciar diversas tradições acadêmicas ou níveis de análise.

De acordo com Geertz (2012) “o objetivo da antropologia é o alargamento do universo do discurso humano. De fato, esse não é seu único objetivo - a instrução, a diversão, o conselho prático, o avanço moral e a descoberta da ordem natural no comportamento humano”.

Por meio da antropologia é possível compreender outras culturas, sobre a maneira de ser, pensar e falar do ser humano, Geertz (2012) ainda ressalta que a antropologia possibilita instruir, divertir e orientar e até mesmo oferecer novas perspectivas morais, ressaltando que o trabalho antropológico vai além da simples análise técnica, ela promove intercâmbios culturais que transformam tanto o pesquisador quanto o objeto de pesquisa.

¹ A etnologia busca compreender o que significa pertencer a um grupo específico e examina como as identidades culturais se desenvolvem e interagem. <https://www.ebsco.com/research-starters/anthropology/ethnology>

² Etnografia é o estudo detalhado e descritivo das práticas culturais, crenças, comportamentos, valores e modos de vida de um determinado grupo ou povo <https://www.significados.com.br/etnografia/>

Procedimentos Metodológicos

A metodologia da pesquisa é de ordem qualitativa e descritiva (Dencker, 2007), visando examinar os impactos das alterações climáticas no bioma Pantanal, sobretudo no que se refere às atividades turísticas realizadas na região. Inicialmente foi realizado o levantamento bibliográfico (Veal, 2011) que permeou o período integral do trabalho, selecionando referências da geografia, do turismo, mudanças climáticas e estudos de fronteira, em artigos científicos, teses e relatórios técnicos, todos publicados entre os anos de 2000 a 2025. As fontes utilizadas provêm de bases de dados como: Scielo, Google Acadêmico, revistas especializadas em turismo, geografia e meio ambiente, bem como documentos oficiais de entidades como: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade-IMCBio, Organização das Nações Unidas-ONU e MapBiomas.

Posteriormente, foi realizado trabalho de campo no Pantanal com foco na observação direta e 07 entrevistas semiestruturadas realizadas com moradores da comunidade ribeirinha que trabalham com turismo, distribuídos entre empresários do turismo, piloeiros, isqueiros, camareiras, guias, cozinheiras, garçonetes e garçons, equipe de serviços gerais, dentre outros com o objetivo de entender o impacto das mudanças climáticas no turismo local. As pessoas entrevistas tiveram suas identidades preservadas a partir da indicação de nomes fictícios.

Ademais, foram inseridos elementos secundários para analisar o Pantanal e as alterações climáticas com ênfase nas informações e dados meteorológicos sobre a cobertura vegetal e as áreas inundadas fornecidas pelo projeto MapBiomas.

Objetivo Geral

Compreender como os efeitos das mudanças climáticas influenciaram a atividade turística do Pantanal, afetando a comunidade local, as condições de trabalho ofertados pelo turismo e fluxo de visitantes.

Objetivo Específico

1. Identificar como as mudanças climáticas alteraram as condições ambientais do Pantanal, principalmente no que se refere ao volume hídrico, a incidências de queimadas e na oferta de recursos naturais explorados na atividade turística;

2. Investigar as percepções dos moradores locais a respeito dos impactos ocasionados pelas mudanças climáticas no cotidiano pantaneiro e com relação aos turistas;
3. Verificar quais estratégias os empreendimentos turísticos e a comunidade ribeirinha estão adotando para se adaptarem as mudanças climáticas, visto que, esses fatores ambientais impactam diretamente o meio ambiente, a logística e as relações socioculturais.
4. Avaliar como as mudanças climáticas afetam a sazonalidade do turismo no Pantanal, em particular no Passo do Lontra e na região do Abobral.
5. Relacionar a socio vulnerabilidade a instabilidade do turismo, com especial atenção as condições de trabalho da comunidade que dependem deste setor.

O Pantanal da gente pantaneira

A dinâmica ambiental do Pantanal dependente dos ciclos das águas que revezam entre inundações e estiagens, esse movimento é vital para a manutenção do ecossistema (Silva et. al., 2022), no entanto, enfrenta constantes desafios, como: incêndios florestais, desmatamento, expansão do agronegócio, seca extrema, dentre outros, que interferem diretamente no viver da comunidade pantaneira, distribuída entre indígenas, quilombolas, ribeirinhos e grupos de pequenos agricultores, identificadas nesse trabalho de gentes pantaneiras, ou seja, pessoas que vivem e produzem no Pantanal.

A expressão ‘gentes pantaneiras’ é usada como referência aos moradores/produtores do Pantanal, aos vários grupos, à multiculturalidade, à diversidade e às diferentes classes sociais formadoras da cultura pantaneira. São homens, mulheres e crianças envolvidos diariamente na construção, reconstrução e ressignificação da Geografia do Pantanal (Ribeiro, 2015, p 37).

Essas comunidades, há pelo menos dois séculos (Banducci Jr., 2002) trabalham na pecuária bovina de corte, e são responsáveis pela manutenção da produção pantaneira no mercado mundial, tendo-a como a principal fonte econômica da região (Ribeiro, 2018), até que na década de 1980 se iniciou uma série de mudanças estruturais na ordem econômica e, em meio a um período de crise na economia do país, os fazendeiros vislumbraram no turismo uma fonte de complementação de renda, dando início à atividade turística no Pantanal, primeiramente com o turismo de pesca, que demandava pouca infraestrutura e com o

passar do tempo, o turismo contemplativo de natureza passou a fazer parte do território pantaneiro.

O setor turístico no Pantanal gerou oportunidades de trabalho e estimulou a economia local, recebendo turistas e trabalhadores de todas as regiões do país e do exterior, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida dos moradores que trabalham na rede hoteleira local (Ribeiro; Moraes; Trentin; Buscioli, 2024). O trabalho nas pousadas pantaneiras segue a divisão por sexo, onde as mulheres realizam atividades domésticas, como: cozinheira, copeira, arrumadeira, faxineira, lavadeira e os homens assumem funções, como piloteiro³, motorista, garçom, monitor ambiental, serviços gerais, entre outras que demandam habilidades tradicionalmente masculinas. A atividade turística, representa uma importante fonte de ganhos para as comunidades do Pantanal, segundo Thomé (2018, p. 01) “O turismo configura-se como a atividade econômica que mais cresce no Pantanal brasileiro, região onde há predominância da propriedade privada da terra para criação de gado bovino”.

Essa dinâmica se manteve com poucas variações, até que diante do avanço do processo das alterações climáticas, que resultaram em queimadas e secas severas e, consequentemente, redução da circulação de turistas na região, diminuiu significativamente os postos de trabalho e a fonte de renda de homens e mulheres trabalhadores do turismo, causando vulnerabilidade social entre as gentes pantaneiras.

De acordo com (Silva; Cureau; Leuzinge, 2011) as maiores ameaças a este bioma vêm do turismo não controlado, da expansão da pecuária, da ocupação agrícola das cabeceiras dos afluentes do rio Paraguai e das obras de regularização e barragens na Bacia do Alto Paraguai - BAP, sendo essencial a proteção das áreas de cabeceira dos rios que drenam para o rio Paraguai, dentre outras ações a serem estruturadas a partir de políticas públicas de proteção do Pantanal. Nesse sentido, a Lei do Pantanal, promulgada em 2023 é um elemento de fortalecimento das estratégias que possam assegurar a preservação da maior bacia de inundação do mundo.

³ Piloteiro: profissional com habilitação para condução de embarcações de pequeno porte, como canoa e barco de turismo e de pesca.

Ademais, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária do Mato Grosso do Sul – EMBRAPA, tem registrado mudanças ambientais no Pantanal e os efeitos da intervenção humana sobre o bioma ao longo dos últimos 30 anos (Gomes, Filizola, Boulet, 2021), monitorando ações que caracterizam a falta de planejamento ambiental na região do planalto e as mudanças ambientais nas planícies com a extração da vegetação nativa, acelerando o processo de degradação do solo que agravou e acelerou a formação da voçoroca e das ravinas, que são os sulcos que formam imensas crateras de erosão ocasionados pelas chuvas e intempéries, isso ocorre onde a vegetação é escassa e não protege o solo que fica enfraquecido e arenoso sendo então, carregado pelas enxurradas. O desenvolvimento das ravinas e voçorocas descrito na literatura brasileira é geralmente atribuído a mudanças ambientais induzidas pelas atividades humanas, causando sedimentação no leito dos rios.

A expansão desordenada e rápida da agropecuária, com a utilização de pesadas cargas de agroquímicos, a exploração de diamantes e de ouro nos planaltos, com utilização intensiva de mercúrio, são responsáveis por profundas transformações regionais. Algumas delas vêm sendo avaliadas pela Embrapa Pantanal, como a contaminação de peixes e jacarés por mercúrio e diagnóstico dos principais pesticidas. (Gomes, Filizola, Boulet 2021)⁴

A Embrapa Pantanal ainda chama atenção para os impactos ambientais promovidos por empreendimentos, como, por exemplo, o gasoduto Brasil/Bolívia, a hidrovia Paraguai/Paraná e a utilização de agroquímicos, que afetam o meio ambiente e, consequentemente, o turismo.

Ações de proteção do Pantanal e mitigação das mudanças climáticas

As políticas públicas direcionadas para proteção do Pantanal e na redução das mudanças climáticas são fundamentais para a preservação desse bioma singular e extremamente vulnerável. A adoção de medidas integradas, como: o acompanhamento constante das queimadas, o reforço da fiscalização ambiental, a recuperação de áreas degradadas e o estímulo às práticas sustentáveis de uso do solo que ajudam a minimizar os efeitos da crise climática nas comunidades ribeirinhas, na biodiversidade e nas atividades econômicas, como, por exemplo, o turismo. Além

⁴<https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/tematicas/agricultura-e-meio-ambiente/manejo/reabilitacao-de-areas/formacao-de-vocorocas>

disso, é essencial que haja articulação entre governos, instituições científicas e sociedade civil para garantir estratégias adequadas e capacidade de adaptação ecológica e social no Pantanal em relação as mudanças climáticas que já estão ocorrendo.

A Lei do Pantanal nº 6.160, de 18 de dezembro de 2023 tem por objetivo fiscalizar e proteger o bioma, regulamentando a Área de Uso Restrito AUR-PANTANAL no Mato Grosso do Sul. A lei define orientações sustentáveis para o Pantanal, incluindo a utilização do fogo para o manejo de plantações conforme critérios técnicos, dentre outros temas de suma importância para a região, como, por exemplo, o turismo, que se destaca para agregar valor aos produtos e serviços, contudo terá que preservar e fomentar o patrimônio cultural e natural das comunidades locais, visando integrar o desenvolvimento econômico com a preservação do meio ambiente, e destaca a importância de envolver a sociedade civil e a comunidade científica nas decisões, enfatizando a necessidade de estudos que intensifiquem o entendimento sobre o bioma e suas vulnerabilidades.

Com papel relevante nesse debate, o turismo é um setor afetado pelos efeitos das mudanças do clima, porém, é importante lembrar que também contribui com parte importante nas emissões de Gases do Efeito Estufa - GEE, tendo em vista a logística de mobilidade (transporte de passageiros) e infraestrutura (alojamento) (Grimm, et. al, 2018). Essa relação complexa requer medidas para adaptação e mitigação, abrindo caminho para modalidades alternativas de atividade. Grimm (2016), sugere que deverá ser feita uma análise criteriosa a respeito deste assunto, tornando o turismo como um meio eficaz em termos ambientais.

O estado do Mato Grosso do Sul também implementou o Roadmap Território Carbono Neutro⁵ - RTCN com objetivo de ajudar os municípios a se adequarem aos desafios e compromissos globais ligados à sustentabilidade e à luta contra as mudanças climáticas. Nesta conjuntura o propósito central é que até 2030 o estado

⁵ O Roadmap Território Carbono Neutro (RTCN) é uma ferramenta estratégica e inovadora do governo do Mato Grosso do Sul para identificar e alinhar as políticas públicas municipais de meio ambiente às demandas globais de sustentabilidade, para que o MS seja internacionalmente reconhecido como Carbono Neutro até 2030. Disponível em: <https://www.semadesc.ms.gov.br/governo-de-mato-grosso-do-sul-avanca-com-o-roadmap-territorio-carbono-neutro-como-resposta-estrategica-as-mudancas-climaticas/>

se torne um local "Carbono Neutro", ou seja, que consiga equilibrar as emissões de gases poluentes por meio de ações que compensem esses impactos. O Roadmap atua como um guia estratégico, ajudando as cidades a entender seus principais desafios ambientais e a encontrar formas de se desenvolver sem comprometer o meio ambiente, tendo como meta apoiar as cidades na busca por respostas sustentáveis e eficazes para lidar com as mudanças climáticas. A efetivação do Roadmap beneficiará a cadeia produtiva do turismo no Pantanal e, consequentemente, a população ribeirinha que depende da atividade para manutenção das famílias.

Além disso, o Mato Grosso do Sul conta com a Política Estadual de Mudanças Climáticas estabelecida em 2014, e em 2021 foi lançado o Plano MS Carbono Neutro, com intuito de erradicar as emissões líquidas até 2030 e está alicerçado em cinco áreas essenciais: agricultura, energia, indústrias, resíduos e uso do solo/florestas - todas conectadas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável estabelecidos pela ONU. Mesmo diante de muitos desafios, houve avanços como a criação dos conselhos ambientais, planos de desenvolvimento urbano e programas de gestão de resíduos nos municípios do estado que, de modo geral, beneficiam o turismo.

A proposição de políticas públicas envolve, também, ações governamentais em relação aos períodos de seca extrema pelo qual o Pantanal está passando desde 2018, tanto que o Governo Federal está expandindo o suporte às táticas de prevenção e combate a incêndios no Mato Grosso do Sul. Em um evento na capital Campo Grande, promovido pelo Ministério do Meio Ambiente foi anunciado no dia 28 de março de 2025 um conjunto de ações que reforçam as iniciativas do governo estadual para salvaguardar o Pantanal. A iniciativa é direcionada a coordenar ações de prevenção e combate a incêndios através de investimentos em infraestrutura, estímulo a comunidades resilientes, luta contra condutas ilegais e iniciativas de educação ambiental.

Uma das medidas é a Portaria de Emergência Ambiental, que declara estado de emergência em áreas com risco crítico de incêndios, como o Pantanal, e permite a antecipação de ações preventivas, como a contratação emergencial de brigadistas e a liberação de recursos extraordinários, com base em dados climáticos e de monitoramento (Agência GOV, 2025).

De acordo com informação publicada no site da Agência Gov. em 28 de março de 2025, uma ação conjunta da Casa Civil com o governo do estado de Mato Grosso do Sul estabeleceu a Sala de Situação para incêndios no Pantanal, envolvendo a

Força Nacional, o Prevfogo, o Ibama, o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio, o Exército, a Marinha e as Polícias Federal e Rodoviária Federal com atuações síncronas em áreas prioritárias (Agência GOV, 2025). O pronto atendimento à devastação provocada pelas queimadas intensas reflete diretamente no ordenamento turístico da região, protegendo a área de visitação e, consequentemente, os empregos no setor de turismo, mantendo a circulação de renda local.

Em novembro de 2024, o presidente da República assinou a Medida Provisória 1.276/2024 (Congresso Nacional, 2024), que definiu dois pontos cruciais para proteção ambiental, (1) uma região de floresta nativa queimada não perde a condição de proteção que possuía antes do incêndio e (2) implementação de um modelo de financiamento para ações de combate a incêndios realizadas pelos municípios, através de transferências diretas do Fundo Nacional do Meio Ambiente, sem a necessidade de convênio.

É importante lembrar que as políticas públicas de proteção do Pantanal envolvem diretamente ações de mitigação das mudanças climáticas que assolam o mundo todo e têm no clima o balizador dos impactos sociais e ambientais, considerando que o clima, dentre os aspectos físicos, que compõem a paisagem, é o único, que não é estático (Silva et.al., 2022), e por conta da fluidez, produzida pela mobilidade do ar, é resultante da convergência de processos atmosféricos, geomorfológicos, hidrológicos acumulados no tempo lento da natureza. A confluência desses fenômenos e de outros, interferem na perda do volume de água na bacia hidrográfica do Pantanal.

Em relação ao tamanho do próprio bioma, o Pantanal foi o bioma que mais secou ao longo da série histórica do MapBiomas Água, que cobre o período entre 1985 e 2023. A superfície de água anual (pelo menos 6 meses com água) em 2023 foi de 382 mil hectares - 61% abaixo da média histórica. Houve redução da área alagada e do tempo de permanência da água. No ano passado (2024), apenas 2,6% do bioma estava coberto por água (MAPBIOMAS, 2025).

O panorama se transforma por meio de uma delicada interação ambiental, onde as inundações e os períodos de seca são afetados pelas intempéries que renovam os recursos da água e garantem a manutenção do Pantanal (Ribeiro, 2015), porém, os extremos climáticos estão alterando essa dinâmica, conforme informação do MapBiomas:

O ano de 2023 foi 50% mais seco que 2018, que foi a última grande cheia no bioma. Em 2018, a água no Pantanal já estava abaixo da média da série histórica, que compara com os dados desde 1985. “Em 2024, nós não tivemos o pico de cheia. O ano registra um pico de seca, que deve se estender até setembro. O Pantanal em extrema seca já enfrenta incêndios de difícil controle” (MAPBIOMAS, 2023).

A precipitação média no Pantanal é de 100mm, à primeira vista, isso pode parecer insuficiente para um bioma que depende de um alto volume de água. Nesse contexto, a relação entre o planalto e a planície se complementa com o ciclo das chuvas, que acontece de outubro a março, marcando a temporada das cheias (Silva, 2022, p. 65), mesmo assim, foi possível observar uma diminuição tanto na área inundada quanto na duração da presença de água, como reflexo dos efeitos das mudanças climáticas que afetam o meio ambiente e a qualidade de vida das pessoas. Freitas, et. al (2023), enfatiza a urgência de medidas concretas para conter e mitigar os efeitos da crise do clima, como, por exemplo, o acompanhamento constante das políticas públicas propostas e a adequação das mesmas conforme a necessidade posta.

A proposição de políticas públicas pontuais e específica para o bioma Pantanal em tempos de crise climática, são primordiais e vão ao encontro das discussões e propostas apresentadas na 30^a Conferência das Partes - COP, mais conhecida como COP-30, realizada em novembro de 2025 no Brasil, mais especificamente na cidade de Belém, no estado amazônico do Pará. A reunião anual de signatários da Convenção das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima é um evento de grande porte e abrangência mundial, que reúne líderes globais, cientistas, ONGs e representantes da sociedade civil em discussões e encaminhamentos sobre questões climáticas e ambientais para todo o planeta, tais como: redução dos gases de efeito estufa, assistência financeira e tecnológica aos países em desenvolvimento visando reduzir os impactos das mudanças climáticas, energia renovável, baixo carbono, preservação de florestas, biodiversidade, justiça climática e os impactos sociais das mudanças climáticas, daí a importância e a necessidade de mostrar o Pantanal para o mundo, e apresentar a necessidade urgente de ações efetivas, também, na engrenagem do turismo local, porque condições ambientais fragilizadas retraem a prática turística e promovem vulnerabilidade social entre as gentes pantaneiras trabalhadoras do turismo.

Compreender as mudanças climáticas exige uma perspectiva que vai muito além das explicações meramente técnicas ou científicas. Neste contexto, a antropologia tem uma atuação mostrando como os diversos grupos sociais percebem, interpretam e lidam com as mudanças ambientais. A antropologia, ao examinar essas experiências de maneira contextualizada e comparativa, auxilia na criação de estratégias mais sensíveis e enraizadas socialmente. Isso possibilita que as políticas públicas e ações adaptativas se conectem com os modos de vida e conhecimentos das comunidades impactadas.

[...] a antropologia tem papel importante na forma como se têm construído estratégias para lidarmos com os impactos das mudanças climáticas. As transformações ambientais afetam todas as dimensões da vida, porque todas e todos estamos imersos no ambiente (Taddei, 2024).

Ao longo de sua história, a antropologia se distribuiu como uma disciplina dedicada ao entendimento das mudanças que caracterizam as diversas sociedades. Com uma abordagem nos processos históricos e nas continuidades culturais, se destaca na relevância de examinar a forma como os grupos sociais constroem e transformam seus modos de vida. Neste contexto, Silva; Fialho; Rocha (2022) ressaltam que “a antropologia possui uma tradição na condução de pesquisas sobre os padrões históricos”, sublinhando a importância fundamental da disciplina na análise das experiências humanas ao longo do tempo.

As respostas sociais às mudanças climáticas, sejam elas de origem natural ou humanas, demonstram por meio de estudos que as transformações sociais tendem a acontecer em paralelo ao sistema climático, mesmo que essas mudanças não resultem de forma inerente em transformações significativas com a sociedade.

Sobrevivendo em meio à fumaça e ao fogo

As gentes pantaneiras sabem o tempo certo de cada elemento do Pantanal, seja social, econômico ou ambiental, identificam o período da pesca, de floração dos ipês, da cheia do rio, da ninhada dos pássaros, de reprodução do rebanho bovino, da temporada de turismo, enfim, conhecem a dinâmica da vida pantaneira, habilitando-as a relatar sobre os efeitos das queimadas e da seca extrema entre a população local, tanto que as entrevistadas Maria e Juci contaram que na época do “fogo bravo”, a fumaça tornava o ar tenso, difícil de respirar, causando ardência nos olhos,

ressecamento da pele, desidratação em crianças e idosos e provocando doenças respiratórias. É importante lembrar, que a área delimitada da pesquisa não conta com Unidade de Pronto Atendimento - UPA, deixando a população desassistida diante dos efeitos das queimadas (Ribeiro, 2018). Nesse sentido, a despeito da Constituição de 1988 garantir saúde universal para todos os cidadãos, a ausência do Estado na comunidade do Passo da Lontra expõe a fragilidade das gentes pantaneiras relegadas à própria sorte.

Além dos problemas de saúde física, a população local vive em condição de alerta na época das queimadas, considerando a eminência do fogo atingir as casas, impactando, sobremaneira, na saúde mental das pessoas. A interlocutora Beth, declarou que os incêndios geraram momentos de tensão e angústia, “até hoje eu fico assustada com o fogo”. No pico das queimadas, Ana, que estava grávida, passou meses isolada em casa para se resguardar da fumaça, “[...] eu não dormia com medo da minha casa pegar fogo”. As falas referenciam a pressão psicológica pela qual a comunidade ribeirinha está exposta, potencializada pela contínua ausência de atendimento médico na localidade, mesmo que periodicamente. Em casos de maior gravidade, as pessoas precisam se deslocar para as cidades mais próximas, essa dinâmica é difícil porque o local não conta com linha de ônibus urbano e envolve gastos extras com transporte, acomodação e alimentação nas cidades do entorno.

Há de se pontuar uma contradição nas falas, porque quando perguntadas sobre os impactos nas crianças, Antônia respondeu de maneira serena: "Normal, elas ficam gripadas, tossem muito, mas só isso". Esta resposta mostra que, apesar da gravidade dos incêndios, os efeitos nocivos à saúde provocados pela fumaça das queimadas se incorporaram ao cotidiano ou, simplesmente, as pessoas estão naturalizando os problemas de saúde.

O período prolongado de seca é um fator de retração da atividade turística e quando promove a redução do volume de água dos rios, essa condição aumenta, considerando ainda que, “[...] em relação aos níveis atuais, a temperatura poderá subir em todos os biomas; [...]. O Centro-Oeste sofrerá com a menor vazão dos rios (Grimm, 2016, p 89). Assim, a fala do comandante de barco de pesca, Antônio, em 2024, ao relatar que “[...] a seca severa dos últimos três anos resultou em uma queda alarmante do nível do Rio Miranda” e continua afirmando que “[...] as águas chegavam a inundar o pátio da pousada onde trabalha, atingindo a altura dos joelhos, agora, raramente

alcançam o segundo patamar da escada, mais ou menos, três metros”, conduz à compreensão de que menos água nos rios implicaria diretamente na diminuição do número de peixes, afetando o turismo de pesca, além de prejudicar, sobremaneira, os pescadores que dependem do pescado para manutenção das famílias.

Porém, um fator importante que chama atenção na análise diz respeito aos empregos nesse setor. Ao consultar o site do Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados - CAGED (Novo Caged, 2025) sobre a taxa de empregos no turismo no município de Corumbá, os dados apontam que no ano de 2024, mesmo diante de um período de seca extrema e queimadas não registraram queda representativa nos postos de trabalho formais. Bem, o Novo Caged trabalha com dados do emprego formal, aquele registrado em carteira de trabalho, na região do Pantanal, os trabalhadores informais recebem em formato de diárias, sem vínculo empregatício e não são contabilizadas nos dados do Cadastro. Logo, é possível observar que a informação oficial do governo federal não corresponde à realidade pantaneira, sobretudo das pessoas que trabalham fora da área urbana. Diante disso, os interlocutores podem ter um certo receio de dizer que houve redução do turismo, sob pena de retrair mais ainda a circulação de turistas na região, porém, são apenas hipóteses.

No site do Observatório do Turismo do Estado do Mato Grosso do Sul, órgão estadual a partir da Lei do Turismo nº 11.771 de 17 de setembro de 2008, que tem por finalidade melhorar a informação a respeito da indústria do turismo e seus impactos na economia, lamentavelmente não possui dados atualizados, porém no Observatório de Turismo do Pantanal vinculado à Prefeitura Municipal de Corumbá, que tem como objetivo: formular políticas públicas, planejamento estratégico e tomada de decisões, foi possível encontrar dados estatísticos necessários para compreender a dinâmica do turismo na região.

O Observatório de Turismo do Pantanal é um núcleo de estudos e pesquisas da FUNDTUR/Pantanal responsável pelo monitoramento do turismo por meio da produção e divulgação regular de informações e indicadores estatísticos do turismo, além da avaliação dos impactos econômicos dos grandes eventos sobre a cadeia produtiva do turismo no município de Corumbá/MS (Observatório de Turismo, jul. /2025).

Os dados apresentados pelo Observatório de Turismo do Pantanal são referentes ao mês julho/2025, neles é possível observar os resultados alcançados

enfatizando a importância dos indicadores e desempenho no decorrer do período, a análise comparativa entre setores distintos e com as tendências de flutuações significativas foi organizada no sentido de proporcionar uma perspectiva clara e objetiva, possibilitando a identificação de progressos ou estagnação dos fluxos, percebendo os padrões de sazonalidade.

O gráfico 01 demonstra que embora haja quedas, em alguns períodos o números de passageiros permanecem constante, destacando a relevância estratégica do aeroporto como um ponto de acesso ao turismo no Pantanal e auxiliando a mobilidade da população de Corumbá, configurando o que Barreto, 2019, afirma: “Turismo é movimento de pessoas, é um fenômeno que envolve, antes de mais nada, gente. É um ramo das ciências sociais e não das ciências econômicas e transcende a esfera das meras relações da balança comercial” (Barreto, 2019, n.p).

Não há uma perspectiva teórica única que amarre a pesquisa antropológica sobre o turismo, embora tenha havido nos últimos anos uma preferência geral pelos paradigmas mais interpretativos do que políticos. Embora muitas disciplinas tenham se apropriado de alguns aspectos da pesquisa antropológica, os antropólogos ainda confiam no trabalho de campo etnográfico prolongado, com observação participante e procura de significado, enquanto prestam atenção a um marco holístico que coloca o turismo dentro de uma relação com o resto da vida, tanto de turistas como dos que devem lidar com eles.

Sendo assim, a pesquisa antropológica do turismo deve levar em conta tanto a experiência vivenciada em campo quanto as formas de mediação que precedem e influenciam, isso compõe um cenário complexo em que a prática turística se liga ao dia a dia e as expectativas.

Os antropólogos abortam o turismo com base em um amplo espectro de interesses antropológicos, entre os quais etnicidade, identidade, política local e global, desenvolvimento, desigualdade social, gênero, cultura material, globalização, diáspora, experiência vivida, discurso, representação, coisificação e comoditização da cultura (Graburn, 2019).

Gráfico 01: Fluxo de passageiros no aeroporto de Corumbá.



Fonte: Observatório de Turismo Pantanal, 2025.

O gráfico 02 apresenta dos dados referentes ao fluxo de passageiros na rodoviária de Corumbá, que contabilizou 49.340 passageiros, destacando sua relevância como ponto de chegada e partida de viajantes, o que configura a sua importância na mobilidade urbana e regional.

Gráfico 02: Fluxo de passageiros no Terminal Rodoviário de Corumbá.



Fonte: Observatório de Turismo Pantanal, 2025.

É importante destacar, que os dados dos Gráficos 01 e 02 contabilizam o fluxo de passageiros, sem distinção em relação ao objetivo do trânsito, nesses números são considerados residentes e turistas, comprometendo a legitimidade da informação.

O turismo náutico voltado para a pesca esportiva consolidou Corumbá como um dos principais destinos desta prática. O Gráfico 03 mostra que o ano de 2025 registrou 113.568 embarques, observa-se um aumento gradual no fluxo dos embarques, em abril 1.935 passageiros e junho 2.320 passageiros, evidenciando a alta temporada da pesca esportiva relacionando a demanda tanto para os turistas nacionais e estrangeiros. O perfil dos turistas revela uma maioria masculina de 87% em comparação as mulheres 13%, o que também demonstra uma oportunidade de tornar a atividade mais inclusiva.

Gráfico 03: Turismo Náutico

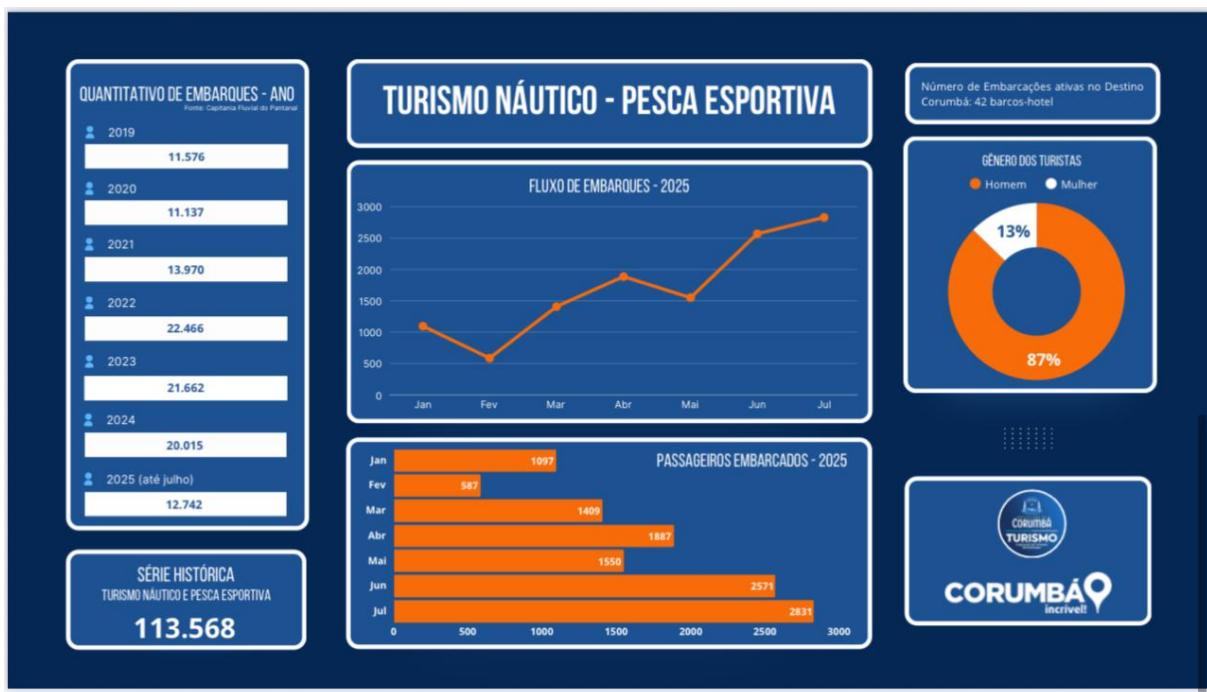
As informações contidas no gráfico destacam a importância estratégica do Aeroporto Internacional de Corumbá para o turismo na região, principalmente por ser um dos principais pontos de entrada de turistas vindo de regiões mais distantes, como o por exemplo o sudeste, para aqueles que desejam visitar o Pantanal.

O gráfico comparativo de 2020 a 2025, mostra variações diretamente ligadas ao comportamento do turismo.

Os anos de 2020 e 2021 mostram uma redução significativa no número de passageiros, resultado das limitações causadas pela pandemia e da diminuição da demanda por turismo. A partir de 2022, nota-se uma recuperação gradual com a reabertura - uma tendência verificada no período pós pandemia.

O movimento de 2025, ocorre no período de maio a setembro, meses de maior concentração do turismo.

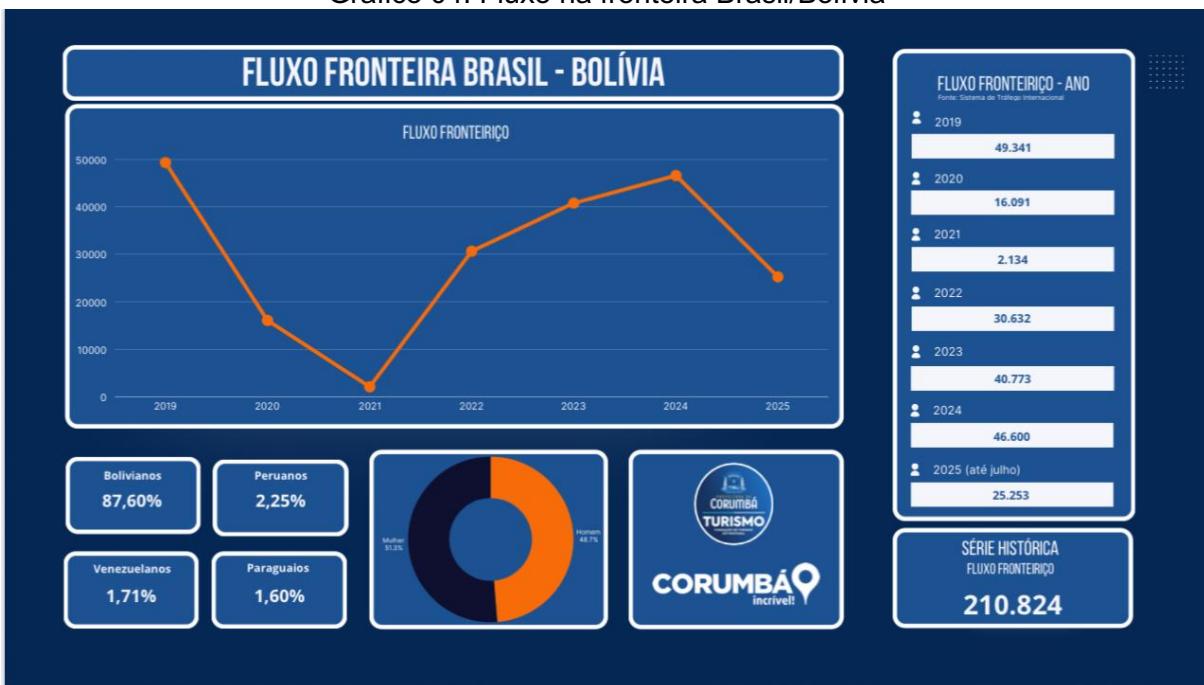
De maneira geral, o aeroporto está fortemente relacionado ao fluxo turístico do Pantanal, portanto, acompanhar estes indicadores são essenciais para desenvolver estratégias que elevam a atratividade turística da região do Pantanal.



Fonte: Observatório de Turismo Pantanal, 2025.

A condição fronteiriça do Pantanal possibilita a circulação de turistas estrangeiros de diferentes nacionalidades, destacadamente bolivianos. A fronteira Brasil-Bolívia, possibilita o fluxo de passageiros que atingiu 210.824 registros, na série histórica, contada a partir de 2019. Porém, o estudo revela que houve uma queda considerável em 2020, consequência direta das limitações de mobilidade devido a pandemia, ouve uma recuperação progressiva nos anos subsequentes. Esses dados evidenciam a relevância da integração fronteiriça, sendo a sua maioria boliviana 87,60%, seguida por peruanos 2,25%, venezuelanos 1,71% não apenas no setor do turismo, mas também nas interações sociais e comerciais entre os dois países.

Gráfico 04: Fluxo na fronteira Brasil/Bolívia



Fonte: Observatório de Turismo Pantanal, 2025.

As festividades e eventos culturais são fundamentais para o fortalecimento do turismo em Corumbá, movimentando a economia e consolidando o município como um importante destino turístico do Pantanal. O Carnaval sobressai como o principal evento, atraindo 7.964 turistas e uma arrecadação que ultrapassa R\$ 14,7 milhões, o Festival América do Sul e o Banho de São João também são significativos, reunindo mais de 2.600 turistas e arrecadando mais de R\$ 5,6 milhões.

Ademais a diversidade de turistas destaca a relevância desses eventos para a economia local, a ocupação hoteleira fica entorno de 60% durante as festividades, aproximadamente 1.635 postos de trabalho são criados para atender os turistas em suas estadias com duração média de 3 dias, sendo que 50% dos turistas são oriundos do próprio Mato Grosso do Sul, conforme aponta o Gráfico 04.

Em Corumbá, ocorre no mês de junho o Arraial do Banho de São João, uma festa que atrai inúmeros de visitantes. Trata-se de uma celebração cristã que, segundo as primeiras referências, surgiu no final do século XIX. A festa é considerada Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, mesclando cerimônias religiosas entre o catolicismo e as religiões de matriz afro-brasileira, com aspectos da cultura pantaneira, incluindo procissões com imagens de São João até o rio Paraguai, fogueiras, pratos típicos, exibições de quadrilhas e competições de andores, a tradição vem sendo passada entre as gerações. A festividade acontece entre os dias

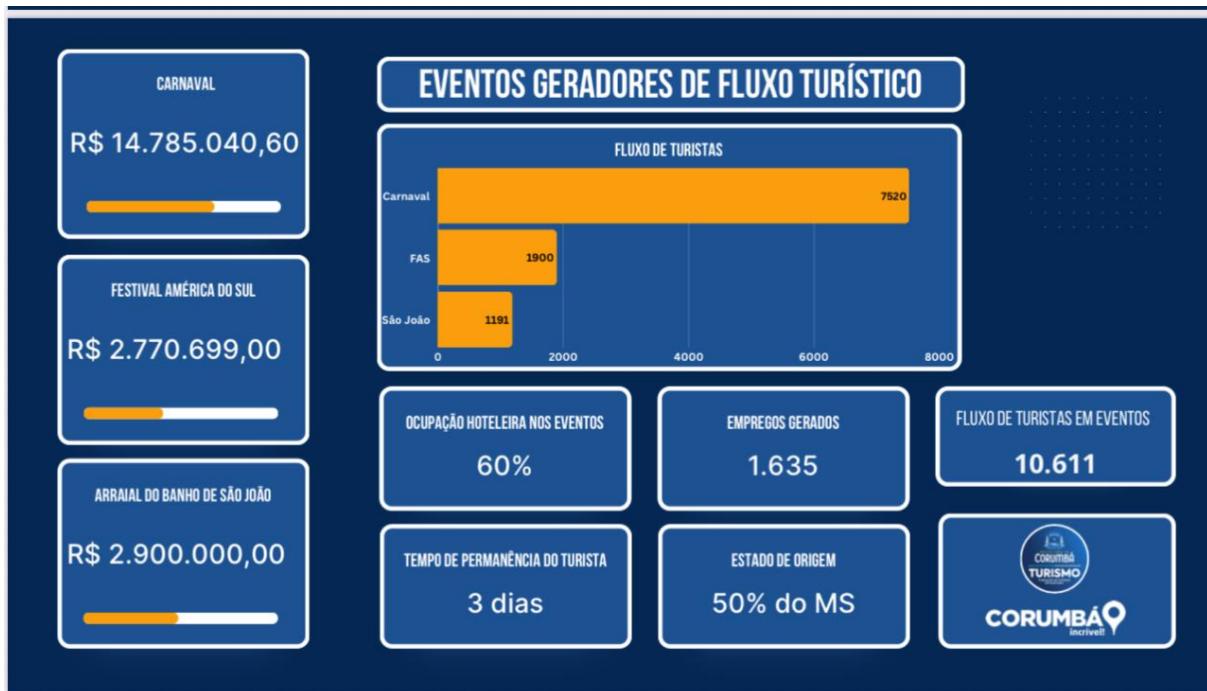
21 a 24 de junho, sendo o ponto alto da festa o banho da imagem do Santo no rio na noite do dia 23.

Santos, 2025, afirma que “Para o professor Álvaro Banducci Júnior, o registro de um bem como patrimônio imaterial está diretamente ligado ao reconhecimento de seu valor cultural e funciona também como instrumento de preservação” (Santos, 2025, n.p)

Ao caracterizar o patrimônio como uma manifestação social, Amâncio, 2014 enfatiza que sua formação surge das práticas, memórias, histórias e significados que os grupos que vivenciam e reconhecem como parte de sua identidade compartilham coletivamente. O poder público pode contribuir para a criação e legitimação desses valores, ele não é seu único agente: é na dinâmica diária das interações sociais que o patrimônio é formado, adquire sentido e se modifica. Dessa forma, o patrimônio cultural deve ser compreendido como o produto de uma negociação continua entre Estado, comunidade e indivíduos, evidenciando tanto a diversidade cultural quanto os processos sociais que compõem o patrimônio.

Para a antropologia, o patrimônio cultural é um fenômeno social, isso implica compreendê-lo não enquanto produzido pelo poder público, mas pela sociedade como um todo, sem, contudo, excluir a participação do Estado ou do governo na criação de valores. (Amâncio, 2014, p 23).

Gráfico 04: Eventos em Corumbá



Fonte: Observatório de Turismo Pantanal, 2025.

O Cadastro de Prestadores de Serviços Turísticos – CADASTUR (Gráfico 05), vinculado ao Ministério do Turismo, é um sistema para formalizar e legalizar empresas e profissionais do setor no Brasil. O sistema CADASTUR organiza fornecedores de serviços turísticos em Corumbá, evidencia a extensão e a diversidade das ações relacionadas no setor, em julho/2025 as informações contidas no cadastro contam com 32 agências de turismo, 11 restaurantes, bares e similares, 28 hospedagens, 16 transportes turísticos, 9 organizadores de eventos, 18 guias de turismo, além de outras demandas relacionadas a pesca esportiva e atividades culturais.

O CADASTUR indica que a maioria dos prestadores, 90 registros, estão ativas, somente 14 estão vencidos e 2 baixados, o que demonstra um alto nível de regularização do setor e transmite confiabilidade nos números apresentados. O fluxo de cadastro ao longo do semestre demonstra estabilidade, com pequenas variações mensais, indicando que os empresários locais estão mantendo os registros atualizados.

Essas informações destacam o CADASTUR como instrumento de organização e regulamentação das atividades turísticas em Corumbá.

Gráfico 05: Informes CADASTUR



Fonte: Observatório de Turismo Pantanal, 2025.

O setor turístico é um importante gerador de empregos tanto formais e informais o que impacta diretamente a economia local de Corumbá (Gráfico 06). De acordo com os dados do CAGED/2025, foram 6.356 contratações, resultando em um saldo positivo de 242 novos postos de emprego, esse resultado comprova a relevância do setor e sua importância para absorção destes trabalhadores.

É importante compreender a centralidade do trabalho na vida humana para além de sua dimensão econômica, pois a maior parte da existência humana é dedicada as atividades que constroem e sustentam o mundo físico e social.

Passamos a maior parte da vida trabalhando, já que frequentemente nos envolvemos em atividades intencionais para construir e manter nossos mundos físico e social. A antropologia do trabalho oferece uma perspectiva comparativa sobre como as pessoas ganham a vida em seus ambientes naturais e sociais, ao mesmo tempo que destaca como as pessoas em todo o mundo estão interconectadas e impactadas por processos históricos globais. (Folz J., Smith R., 2024)⁶

A antropologia do trabalho investiga diversas sociedades adotando uma perspectiva comparativa, que permite observar como diferentes sociedades organizam suas formas de trabalho e meio de sobrevivência, e como essas práticas estão imersas em contextos históricos, culturais e ambientais específicos. Ao mesmo tempo, evidencia que o trabalho não ocorre de maneira isolada, mas está

⁶<http://doi.org/10.29164/24worklabour>

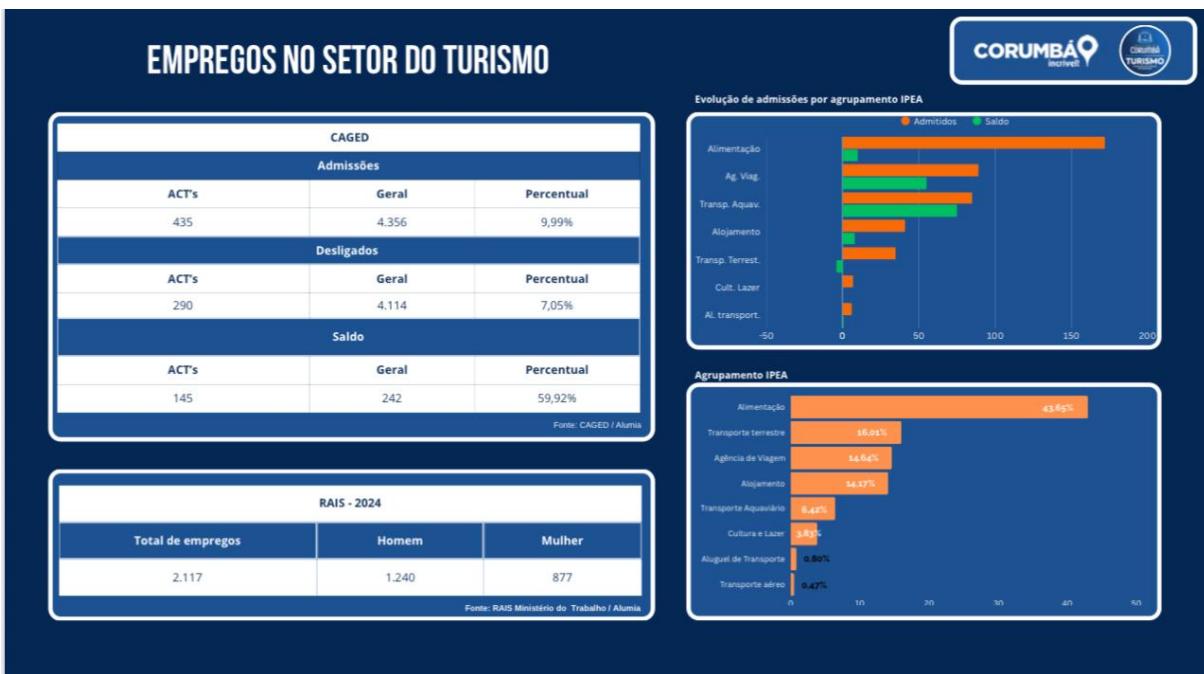
profundamente conectado a processos globais que atravessam fronteiras e moldam experiências cotidianas.

De acordo com Ribeiro (2018) no Pantanal até a primeira metade do Século XX, o trabalho era historicamente apoiado na pecuária, com uma economia amplamente fundamentada nas atividades tradicionais. Entretanto as crises econômicas nas décadas de 1970 e 1980 afetaram o Brasil e causaram alterações importantes no estilo de vida pantaneiro e na estruturação deste território. Com o progresso das tecnologias de comunicação na década de 1990 e o aumento do interesse mundial pelos ecossistemas naturais, o Pantanal começou a ser integrado ao turismo de pesca e contemplação. O turismo passa então a se constituir como uma nova relação de trabalho entre os empresários das pousadas e as gentes pantaneiras.

Com base nos dados da taxa de empregos de 2024, observa-se um total de 2.137 empregos formais, sendo que 1.240 ocupados por homens e 897 por mulheres. No gráfico de admissão por grupamentos CNAE indica os setores que mais contrataram, sendo alojamento e alimentação os principais geradores de empregos, seguidos por transporte terrestres e atividades culturais e esportivas.

Neste contexto o turismo em Corumbá revela que não apenas impulsiona a economia com o fluxo dos turistas, mas também se estabelece como um setor crucial para o progresso social, expandindo as oportunidades de emprego e fortalecendo a cadeia produtiva local. A análise revela os padrões importantes para uma orientação estratégicas, pois, a partir destes resultados é possível assegurar correções e melhorias nos setores do turismo e emprego.

Gráfico 06: Empregos no turismo



Fonte: Observatório de Turismo Pantanal, 2025.

Diante do exposto, os extremos climáticos no Pantanal não impactaram diretamente no fluxo de turistas ou na redução dos postos de trabalho formais, considerando que cada território tem um formado de enfrentamento e mitigação às mudanças climáticas, há de se levar em conta, também, que os incêndios florestais e a seca extrema aconteceram com mais intensidade ao longo de, pelo menos, quatro anos, ou seja, o Pantanal foi progressivamente transformando, diferentemente de eventos climáticos caracterizados por enchentes, como, por exemplo o caso do Rio Grande do Sul que foi devastado por chuvas intensas e torrenciais em maio de 2024, que impactou grandemente no quadro geral do turismo local.

Resultados e discussões

Os resultados obtidos demonstram que as mudanças climáticas têm se agravado ao longo dos anos no Pantanal, impactando não só o bioma, como também a vida da comunidade ribeirinha que essencialmente do turismo.

A partir de análise e dados ambientais, entrevista e observação de campo, quatro principais eixos se destacam:

A baixa do volume hídrico, o aumento dos eventos extremos, alterações nas atividades turísticas e efeitos socioculturais.

A primeira consequência é respeito à diminuição das áreas suscetíveis a alagamentos. A série histórica em especial após 2019, quebrando a regularidade do

ciclo das cheias e das vazantes que estrutura a vida local. A variação das chuvas, aliadas a longos períodos de seca, afeta todas as espécies – fauna, flora.

Esses resultados em consonância com pesquisas indicam que o Pantanal é um dos biomas mais vulneráveis às mudanças climáticas.

Os resultados também demonstram que as queimadas estão se tornando mais frequentes, tanto em extensão quanto em intensidade, provocando a morte de inúmeros animais. A alteração ambiental tem ocasionado empobrece a paisagem e reduz a atratividade turística de destinos naturais.

No campo do turismo a redução hídrica reduz a isca e o pescado, prejudicando a navegação de barcos pelos rios do Pantanal, o turismo de contemplação também sofre suas alterações devido as queimadas, todos esses fatores agravam estabilidade econômica da comunidade.

O turismo se consolidou como uma fonte de renda, porém diante das mudanças climáticas e das narrativas coletadas indicam uma preocupação presente com a perda de referencias tradicionais de vida.

Considerações Finais

O bioma Pantanal é rico em biodiversidade e cultura vibrante, nas últimas décadas está enfrentando sérios desafios decorrentes das mudanças climáticas, culminando em queimadas severas, seca prolongada e redução do volume de água que impactam diretamente na flora, na fauna, na qualidade de vida das comunidades locais e refletem na atividade turística. No entanto, a resiliência dos moradores locais e a busca por alternativas sustentáveis revelam um potencial de resistência e adaptação a ser valorizado e apoiado por políticas públicas e ações coletivas.

Nesse sentido, é importante o acompanhamento dos projetos governamentais que induzem à mitigação dos efeitos das mudanças climáticas nos mais diferentes setores da economia pantaneira, atuando em uníssono com a comunidade local. Assim, este estudo, provoca a reflexão sobre a urgência de equilibrar o desenvolvimento econômico e preservação ambiental, com ações coletivas a partir da participação efetiva das gentes pantaneiras, conhecedoras exímias dos ciclos da vida do bioma Pantanal.

Agradecimentos

Agradeço à Deus por mais uma etapa vivida, minha filha Pollyana, minha eterna incentivadora, minha orientadora pela oportunidade e confiança na vivência acadêmica e, por fim, agradeço ao Conselho Nacional de Pesquisa – CNPq pela concessão da bolsa de Iniciação Científica que propiciou a realização desse Trabalho de Conclusão de Curso em Bacharelado em Ciências Sociais.

Referências:

AGÊNCIA GOV. *Governo federal reforça ações no Pantanal e amplia apoio às estratégias de prevenção e combate aos incêndios no MS*. 2025. Disponível em: <https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202503/governo-federal-reforca-acoes-no-pantanal-e-amplia-apoio-as-estrategias-de-prevencao-e-combate-aos-incendios-no-ms>. Acesso em: 7 maio 2025.

Alumia-Inteligência de Turismo do Mato Grosso do Sul. Disponível em: <https://alumia.tur.br/> Acesso em 28 jul 2025

AMÂNCIO, H.P., Antropologia e Patrimônio Cultural, Disponível em: <https://naui.paginas.ufsc.br/files/2015/06/Antropologia-e-Patrim%C3%B4nio-Cultural.pdf> Acesso em: 21 nov. 2025

ARAÚJO, A. P. C. *Do espaço vivido ao sonho construído: identidade territorial e turismo na estrada parque Pantanal (MS)*. Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Três Lagoas-MS, nº 9, Ano 6, 2009.

BANDUCCI JUNIOR, A. “*Nativos*” em trânsito: catadores de iscas e o turismo da pesca no Pantanal Mato-grossense. Campo Grande: Editora UFMS, 2002.

BARRETO, M., STELL, C. A., GRABURN, N., & dos Santos, R. J. (2019). *Turismo e antropologia: novas abordagens*. Papirus Editora.

CAGED - Cadastro Geral de Empregados e Desempregados. *Trabalho e emprego*. Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/assuntos/estatisticas-trabalho/o-pdet/o-que-e-caged>. Acesso em: 16 jun. 2025.

CONGRESSO NACIONAL. *Medida Provisória nº 1276, de 2024*. Disponível em: <https://www.congressonacional.leg.br/materias/medidas-provisorias/-/mpv/166210>. Acesso em: 16 jun. 2025.

COP30 no Brasil, disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/agenda-internacional/missoes-internacionais/cop28/cop-30-no-brasil> Acesso em: 20 ago. 25

DENCKER, A. F. M. *Pesquisa em Turismo: planejamento, métodos e técnicas*. São Paulo, SP: Futura, 2007.

ECOA - Organização Não-Governamental *Ecologia e Ação*. Disponível em: <https://ecoa.org.br/>. Acesso em: 16 jun. 2025.

EMBRAPA-Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Disponível em:<https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/tematicas/agricultura-e-meio-ambiente/manejo/reabilitacao-de-areas/formacao-de-vocorocas> Acesso em 26 de jul. 2025

FREITAS, E. P.; PEREIRA, L. S.; SÁ, R. R.; PEREIRA, V. S. *Flexibilização da política ambiental no contexto das mudanças climáticas e os impactos socioterritoriais para o Pantanal sul-mato-grossense*. Revista GeoPantanal, Corumbá, v. 18, n. 34. DOI: 10.55028/geo. v18i34.

FOLZ, Jasmine, SMITH Rachel. 2024. “Trabalho/labore”. In The Open Encyclopedia of Anthropology, editado por Riddhi Bhandari. Disponível online em: <http://doi.org/10.29164/24worklabour> Acesso em 22 nov. 2025

GRIMM, I. J. *Mudanças climáticas e turismo: estratégias de adaptação e mitigação*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2016. p 89.

GRIMM, I. J.; ALCÂNTARA, L. C. S.; SAMPAIO, C. A. C. *O turismo no cenário das mudanças climáticas: impactos, possibilidades e desafios*. Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 1–22, set./dez. 2018.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. 2012.

GOMES, L. S., & Júnior, Á. B. Processo de patrimonialização: experiências com o dossiê do Banho de São João de Corumbá e Ladário1.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Brasil em síntese*. 2020 Disponível em: <https://brasilemsintese.ibge.gov.br/territorio.html>. Acesso em: 10 jun. 2025.

MAPBIOMAS. *Superfície de água no Brasil voltou a ficar abaixo da média em 2023*. Disponível em: <https://brasil.mapbiomas.org/2024/06/26/superficie-de-agua-no-brasil-voltou-a-ficar-abaixo-da-media-em-2023/>. Aceso em 17 jun. 2025.

MAPBIOMAS. *Pantanal é o bioma que mais perdeu superfície e água em relação à média histórica*. Disponível em: <https://brasil.mapbiomas.org/2025/03/21/pantanal-e-o-bioma-que-mais-perdeu-superficie-de-agua-em-relacao-a-media-historica>. Acesso em 16 jun. 2025.

Observatório do Turismo do Estado do Mato Grosso do Sul.2017.Dísponevel em: <https://www.observatoriotorismo.ms.gov.br/>. Acesso em: 28 jul. 2025

RIBEIRO, M. A. *Entre cheias e vazantes: a produção de geografias no Pantanal*. Campo Grande/MS: Editora UFMS, 2015.

RIBEIRO, M. A.; MORETTI, E. C. *Cartografias das gentes do Pantanal*. In: RIBEIRO, M. A.; MORETTI, E. C. (Org.). *Olhares Geográficos sobre a Paisagem e Natureza*. 01ed. Tupã/SP: ANAP, 2018, v. 1, p. 125-135.

- RIBEIRO, M. A., MORAES, C., TRENTIN, F., BUSCIOLI, R. (2024). *O mercado de trabalho no turismo do Pantanal e a desigualdade de gênero*. Revista Geonorte, v. 35, p. 185-185. <https://doi.org/10.33360/RGN.2318-2695.2024.i2.p.168-185%20>
- SANTOS, Lucia, disponível em <https://www.ufms.br/mostra-no-iphan-celebra-fe-e-identidade-pantaneira-com-registros-do-banho-de-sao-joao/Acesso> em: 21 nov.2025
- SILVA, C. A.; FIALHO, E. S.; ROCHA, V. M. *Uma visão social sobre o clima e seus significados nas paisagens climáticas dos lugares, o Pantanal/Brasil no contexto das mudanças climáticas*. In: OLIVEIRA-COSTA, J. P.; ZACHARIAS, A. A.; PANCHER, A. M. (Orgs). *Métodos e técnicas no estudo da dinâmica da paisagem física nos países da CPLP - Comunidade dos Países de Expressão Portuguesa*. EUMED: Málaga/Espanha, 2022.
- SILVA, J. S. V.; ABDON, M. M. *Delimitação do Pantanal brasileiro e suas sub-regiões*. Revista Pesquisa Agropecuária Brasileira, 33(13), 1998, p. 1703-1711. Disponível em: <https://seer.sct.embrapa.br/index.php/pab/article/view/>
- SILVA, S.; CUREAU, S. LEUZINGER, M. *Mudanças do Clima*. Ed. Fiuza. 2011.
- TADDEI, Renzo. Mudanças climáticas, mudanças antropológicas. **Anuário Antropológico**, v. 49, n. 3, p. e-12yx0, 2024.
- THOMÉ, P. *A mulher pantaneira e sua relação de trabalho com o turismo*. Revista Pantaneira, Campo Grande, v. 9, n. 18, 2018.
- UNESCO - Área de Conservação do Pantanal. 2000. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/999/>. Acesso em: 17 jun. 2025.
- VEAL, A. J. *Metodologia de pesquisa em lazer e turismo*. São Paulo: Aleph, v. 29, 2011.